Cultivando Raízes com o Quilombo dos Arturos

ORGANIZADORES:

Alessandra Santos Pedrosa
Gabriel Campos Carvalhaes Reis
Gilberto Antônio Reis
Hiago Daniel Herédia Luz
Jacqueline do Carmo Reis
Jean Carlos Gomes dos Santos
Júlia Mazôco Leão de Melo Viana
Lídia Di Bella Castro Rabelo
Lucas Júnio da Silva





Organizadores

Alessandra Santos Pedrosa
Gabriel Campos Carvalhaes Reis
Gilberto Antônio Reis
Hiago Daniel Herédia Luz
Jacqueline do Carmo Reis
Jean Carlos Gomes dos Santos
Júlia Mazôco Leão de Melo Viana
Lídia Di Bella Castro Rabelo
Lucas Júnio da Silva

CULTIVANDO RAÍZES COM O QUILOMBO DOS ARTUROS

Belo Horizonte
PUC Minas
2025

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

C968 Cultivando raízes com o Quilombo dos Arturos [recurso eletrônico] / organizadores Alessandra Santos Pedrosa ... [et al]. Belo Horizonte: PUC Minas, 2025.
E-book (41 p. : il.)

ISBN: 978-65-5295-020-8

1. Negros - Minas Gerais - Usos e costumes. 2. Quilombolas - Memórias. 3. Horticultura. 4. Plantio (Cultivo de plantas). 5. Extensão universitária. I. Pedrosa, Alessandra Santos. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Pró-Reitoria de Extensão. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 39(815.1)
Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086

"Quando o tambor toca, ouvimos
dentro dos nossos corações a
ancestralidade nos chamando."

ADMINISTRAÇÃO DA PUC MINAS

GRÃO-CHANCELER

Dom Walmor Oliveira de Azevedo

REITOR

Prof. Dr. Pe. Luís Henrique Eloy e Silva

PRÓ - REITORES

Extensão: Profª. Drª. Cláudia Venturini

Gestão Financeira: Prof. Me. Paulo Sérgio Gontijo do Carmo

Graduação: Prof. Me. Eugênio Batista Leite

Logística e Infraestrutura: Prof. Me. Rômulo Albertini Rigueira

Pesquisa e de Pós - graduação: Prof. Dr. Martinho Campolina Rebello Horta

Recursos Humanos: Profª. Drª. Liza Fensterseifer

SECRETARIAS

Secretaria de Comunicação: Prof. Dr. Mozahir Salomão Bruck

Secretaria de Cultura e Assuntos Comunitários: Prof. Dr. Jorge Sündermann

Secretaria Geral: Profª. Drª. Anne Shirley de Oliveira Rezende Martins

Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional: Prof. Dr. Marcos André Silveira Kutova

PRÓ - REITORES ADJUNTOS

Barreiro: Prof. Dr. Luis Renato Junqueira

Betim: Prof. Dr. Rafahel Carvalho de Souza

Contagem: Prof. Me. Lúcio Mauro Pereira

Lourdes: Prof. Me. Carlos Barreto Ribas

Poços de Caldas: Prof. Dr. Iran Calixto Abrão

São Gabriel: Prof. Me. Tarcísio José de Almeida

COORDENADORES ACADÊMICO-ADMINISTRATIVOS DE CAMPUS

Arcos: Prof. Me. Eugênio Batista Leite

Serro: Profª. Dra. Wilba Lúcia Maia Bernardes

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

Profª. Drª. Cláudia Venturini

PRODUÇÃO ACADÊMICA E PUBLICAÇÕES

Formatação

Prof. Dr. Robson Figueiredo Brito

Profª. Drª. Renata Dumont Flecha

Profª. Drª. Maria Madalena Loredo Neta

Januza Caroline Gonçalves Correia

ILUSTRAÇÃO

Lucas Júnio da Silva

Sumário

Prefácio 7
Os Organizadores 10
Os Autores 14
Antônio Eustáquio da Silva (Funil) 16
José Bonifácio da Luz (Bengala) 18
José Patrocínio 20
Cultivando Raízes com o Quilombo dos Arturos 21
Mistura para acabar com peste na plantação 23
Mistura em teste para acabar com lagarta 23
Esterco orgânico 23
Mandioca 24
Cenoura 26
Milho 28
Feijão 30
Alface 32
Almeirão 34
Mostarda 36
Couve 38
Referências 41

Prefácio

Hiago Herédia

Antes de apresentar esta obra, preciso contar de onde eu venho. Meu nome é Hiago Daniel Herédia Luz, sou filho de Raimundo Eustáquio e Maria Goreth, neto de Mário Brás e Maria Auxiliadora, bisneto de Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva, e tetraneto de Camilo Silvério e Felisbina Rita Cândida.

Durante dez anos da minha vida estive longe da minha Comunidade, os tambores deixaram de ecoar dentro de mim quando fui engolido por uma doutrina que demoniza as manifestações culturais e religiosas de origem africana. Nesse sistema opressor, deixei de valorizar aquilo que nos constitui enquanto Quilombo dos Arturos: a família, o legado, a terra e o som ancestral que pulsa no ritmo dos tambores.

A história da nossa comunidade começa com Camilo Silvério, um homem de fé em Nossa Senhora do Rosário, que viveu como escravizado e trabalhou como jornaleiro — uma condição que permitia vender sua jornada de trabalho e acumular riqueza, ainda que uma parte desses ganhos tivessem de ser devolvidos ao seu senhor. Ele atuava na região do antigo Arraial de São Gonçalo, hoje município de Contagem, Minas Gerais.

Camilo casou-se com Felisbina, com quem teve seis filhos. Os registros históricos mostram que ele foi um membro ativo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem, chegando a fazer generosas doações à Irmandade na década de 1880. Em novembro de 1888, no mesmo ano da abolição da escravatura, Camilo comprou o terreno onde hoje está situada a Comunidade Quilombola dos Arturos.

Meu bisavô, Arthur Camilo Silvério, nasceu em 1886, durante a vigência da Lei do Ventre Livre, que declarava "livres" os filhos de pessoas escravizadas nascidos a partir de 1871 — embora permanecessem sob a tutela dos senhores de seus pais até determinada idade.

Naquela época o apadrinhamento entre pessoas escravizadas, era um gesto de proteção, continuidade do legado e resistência negra. Mas o regime escravocrata e a Igreja Católica proibiram esse costume entre as pessoas. Por isso, Arthur teve como padrinho de batismo um dos donos de seu pai.

Camilo faleceu em 1893, aos 53 anos e na ocasião, Arthur, ainda criança, pediu permissão ao padrinho para dar seu último adeus ao pai, mas teve o pedido negado e foi agredido. Perseguido e humilhado, decidiu fugir aos 15 anos para a região de Santa Quitéria, atual município de Esmeraldas (MG).

Arthur, meu bisavô, fugiu do sofrimento e jurou que nenhum de seus descendentes passaria por aquilo novamente, o mesmo tambor que ecoa no coração de Arthur é o tambor que me chamou de volta para a comunidade para honrar minhas raízes ancestrais.

Ser Arturos é saber que quando o tambor toca, ouvimos dentro dos nossos corações a ancestralidade nos chamando.

Ele casou-se com Amélia Philomena Diniz, que faleceu quatro anos depois. Um ano depois, Arthur então se uniu à irmã de Amélia, Carmelinda Maria da Silva, com quem constituiu família e se mudou para a região da Mata dos Macucos.

Ali, entre as roças e os caminhos de tropeiro, o casal deu origem à primeira geração do que viria a se tornar a grande família dos Arturos. Tiveram dez filhos: Geraldo, Conceição, Maria do Rosário, Juventina, José Acácio, Isaíra, Mário Brás, Antônio, Joaquim Bonifácio, João Batista e Maria Januária.

Na década de 1940, Arthur e Carmelinda retornaram, com os filhos, à terra herdada de Camilo e ali ergueram as primeiras casas e replantaram raízes que jamais seriam arrancadas. O Quilombo dos Arturos tornou-se um espaço de devoção a Nossa Senhora do Rosário, de resistência, de memória viva e de práticas culturais de matriz africana.

Hoje, a comunidade é um celeiro de cultura, fé e ancestralidade. Pesquisas recentes apontam que somos cerca de 670 pessoas, entre descendentes diretos do casal fundador, seus cônjuges, filhos, netos e bisnetos. Aproximadamente 115 famílias vivem no território, somando cerca de 290 pessoas residentes. Os demais membros vivem em outros lugares do Brasil e do mundo, mas carregam no peito os valores e ensinamentos dos Arturos.

Nosso modo de vida é centrado na família, na espiritualidade, no congado, na folia de reis, na festa do João do Mato, nas quitandas, nas benzeções, nas ervas medicinais e, principalmente, no cuidado com a terra. A ligação da comunidade com a terra vem de longa data.

Desde os tempos da escravidão, nossos ancestrais aprenderam a plantar, colher, curar e respeitar os ciclos da natureza. Esse saber foi transmitido com zelo de geração em geração, resistindo ao tempo e às tentativas de apagamento.

Este livro nasce desse chão sagrado e é fruto do encontro entre os saberes tradicionais da nossa comunidade e os diálogos vividos com o projeto de extensão que nos acompanhou. Ele reúne experiências de cuidado com a terra, narrativas que brotam da vivência e do compromisso com a ancestralidade.

Ao longo destas páginas, o leitor encontrará práticas que honram a sabedoria dos mais velhos e apontam caminhos de respeito à natureza, à vida e à memória.

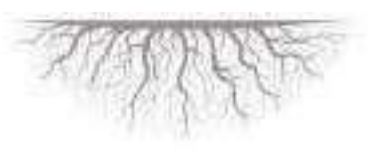
Que esta obra seja mais do que um registro, que seja um convite ao encantamento, à escuta e à continuidade de um legado que pulsa ao som de tambores ancestrais.

Hiago Daniel Herédia Luz

Quilombo dos Arturos, Contagem – MG

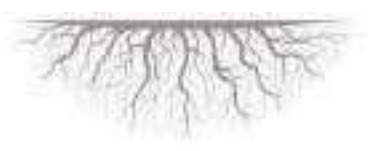
"É preciso pedir lincença aos tambores
e pedir a benção do Pai Eterno, pedir
licença para entrar na casa dele"

José Bonifácio da Luz (Bengala)



Os Organizadores

Alessandra Santos Pedrosa
Gabriel Campos Carvalhaes Reis
Gilberto Antônio Reis
Hiago Daniel Herédia Luz
Jacqueline do Carmo Reis
Jean Carlos Gomes dos Santos
Júlia Mazôco Leão de Melo Viana
Lídia Di Bella Castro Rabelo
Lucas Júnio da Silvas



Os organizadores

Jean dos Santos

O "Projeto Bem-Viver Arturos" é um projeto que nasceu da construção coletiva entre quilombolas da comunidade dos Arturos e a comunidade acadêmica da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, partindo especialmente do desejo do quilombola e estudante, Hiago Daniel Herédia Luz (na época aluno do curso de fisioterapia da PUC MINAS Betim) e reconhecido pelos professores Gilberto Antônio Reis e Jacqueline do Carmo Reis (professores dos cursos de Medicina e Fisioterapia da PUC Minas Betim).

O projeto criado em 2023 teve como objetivos: Identificar as necessidades coletivas e individuais no território através da análise de saúde; Integrar por meio de ações o saber acadêmico e o saber popular e Fomentar o protagonismo dos moradores locais através da escuta de suas demandas, implementando processos de educação popular em saúde.

Assim, buscando compreender quais eram as demandas do quilombo, em setembro de 2023, foi realizada uma oficina com as lideranças da comunidade que possibilitou identificar aspectos ligados ao meio ambiente e vigilância em saúde; as festas tradicionais de congado; a infraestrutura da comunidade; as relações interpessoais; a saúde e educação, que resultou na identificação por parte dos quilombolas e extensionistas das potencialidades daquele território, dentre elas: a Horta Comunitária dos Arturos, fonte de diversos tipos de hortaliças, verduras e grãos utilizados para consumo próprio da comunidade e também na geração de renda com a sua comercialização.

Entretanto, a comunidade relatou a dificuldade de assegurar a produtividade e continuidade dessa atividade, dado ao fato de o conhecimento sobre as técnicas de cultivo e colheita ser restrito àqueles que há muito tempo e atualmente ainda exercem essa atividade, homens de mais idade cujo legado e história de vida remontam a construção e consolidação dessa comunidade. Dessa maneira, surgiu a necessidade de registrar todo esse conhecimento adquirido ao longo de anos de prática, para preservação da memória ancestral dos Arturos!

Logo, em 2024 o "Projeto Bem-Viver Arturos" definiu uma linha de trabalho, intitulada "Alimentação Saudável: horta e pomar comunitários Subprojeto 04", composta por alguns de nós dos 24 extensionistas do projeto: Alessandra Santos Pedrosa, Gabriel Campos Carvalhaes Reis, Jean Carlos Gomes dos Santos, Júlia Mazôco Leão de Melo Viana, Lucas Júnio da Silva e Lídia Di Bella Castro Rabello, que conduzimos encontros presenciais juntos aos autores dessa obra, para coletar, organizar e sistematizar todo o corpo de conhecimentos compartilhados por eles. Com o objetivo de absorver com a maior riqueza de detalhes possíveis das informações compartilhadas, estruturamos um roteiro de

entrevista contendo questões fundamentais para descrição do processo de plantio e colheita, como: período ideal de plantio, diagramação do plantio, adubo mais indicado, período de colheita. Um instrumento de coleta de informações que foi ainda mais enriquecido pelas contribuições dos autores, que indicaram a importância de também registrar o impacto da exposição solar, o que pode ou não ser plantado junto, as formas de rega entre inúmeros outros detalhes.

Inicialmente, nosso contato de referência principal foi o Sr. José Bonifácio, mais conhecido por Bengala (neto do quilombola que deu origem a comunidade, Arthur Camilo) foi ponte crucial para o envolvimento dos demais autores da obra na construção desse material. Convocados por Bengala, José do Patrocínio, Antônio Eustáquio, Victor da Silva, se somaram a equipe criativa desse livro, representando diferentes gerações do quilombo dos Arturos. A importância e preservação das técnicas ancestrais para a comunidade foi perceptível quando tivemos mais de uma geração presentes nas rodas de conversa, trocando conhecimento e experiências. Juntos nos transmitiram uma memória e conhecimento oral, passados por gerações, do cuidado com a terra, a influência das chuvas e até da lua para o melhor crescimento, desenvolvimento e colheita das espécies.

O processo de escrita desse livro foi marcado por momentos extremamente enriquecedores de perceptível afeto, ligação, conhecimento e respeito que todos os autores tinham pelo cultivo, pela produção, e pelo reconhecimento da importância do saber popular para a continuidade da horta na comunidade, assim como do auto-reconhecimento da importância do papel e do protagonismo de cada um deles para que isso seja possível, assim nós extensionistas e organizadores deste material, agradecemos a possibilidade de aprender e contribuir para a eternização e valorização desse saber tão popular, do saber Arturos! Obrigado Bengala e todos os Arturos, pela licença para entrar em sua casa, na sua horta e no seu pomar!

Jean Carlos Gomes dos Santos
Acadêmico de Psicologia da PUC Minas Betim

Figura 01 - Autores e parte do grupo de colaboradores do livro visitando a Horta Comunitária Arturos



Fonte: Foto de arquivo pessoal alterada por Inteligência Artificial

Figura 02 - Encontro realizado entre organizadores e autores do livro para entrevistas e coleta de dados



Fonte: Foto de arquivo pessoal alterada por Inteligência Artificial

Os Autores

Antônio Eustáquio da Silva
José Bonifácio da Luz
José Patrocínio



Antônio Eustáquio da Silva (Funil)

Rei do 13 de maio e capitão da guarda de Moçambique

"A gente precisa saber respeitar o próximo, ter consideração, ir sempre aprendendo mais, respeitando e aprendendo, mesmo a gente sendo mais velho, até o mais novo a gente tem que respeitar" (Silva, 2025)

Antônio Eustáquio da Silva, carinhosamente conhecido como Funil, é um filho da terra de Contagem, nascido no tradicional bairro Jardim Vera Cruz — antigo Domingos Pereira. Vive na Comunidade Quilombola dos Arturos há 64 anos, é capitão do congado, rei do 13 de maio e um braço forte ajudando no dia-a-dia, festividades e projetos da comunidade. Seu Antônio é uma referência de humildade, acolhimento e dedicação.

Antônio é casado com Neuza, rainha do 13 de maio, pai de dois filhos Everton (Tequinho) e Eliane, e é avô de três netos, Ítalo, Laissa e Derick. É filho de Raimundo e Lúcia, de quem aprendeu grande parte dos ensinamentos sobre o congado e a devoção à Nossa Senhora do Rosário.

Seu dia a dia na horta comunitária é um verdadeiro retrato da agricultura feita com o coração e com as mãos. Capina, planta, roça e cultiva árvores — sempre com leveza, humildade e aquele bom humor que transforma o trabalho duro em aprendizado coletivo.

Mais do que apenas um trabalhador da terra, Antônio é também um mestre. Ensina o que aprendeu na lida e com os seus ancestrais, como cuidar do local e aplicar remédios naturais produzidos ali mesmo, com os saberes da terra e o respeito à natureza.

Em sua fala, revela o essencial: "o que interessa é aprender". E é com esse espírito que compartilha seus conhecimentos com os amigos e companheiros da horta, valorizando as práticas livres de agrotóxicos e fortalecendo uma agricultura que respeita a vida.

Seu compromisso silencioso com a agroecologia, a coletividade e a ancestralidade faz dele uma referência viva para as novas gerações que buscam um caminho mais justo e sustentável. Funil não é apenas um agricultor — é parte da memória viva de Contagem, um semeador de saberes e afetos.


Festa

José Bonifácio da Luz (Bengala)

"Eu estou dando continuidade, não como eles, mas tentando fazer o melhor." (Luz, 2025)

José Bonifácio da Luz, conhecido como Bengala, é uma importante liderança da Comunidade dos Arturos, em Contagem (MG), onde nasceu e vive até hoje. Neto do fundador Arthur Camilo Silvério, é o Capitão Mor da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e foi presidente da Irmandade por três mandatos. Aos 76 anos, é casado e pai de oito filhos.

Filho de lavrador, aprendeu desde cedo os saberes da terra e da roça, conhecimentos que carrega como herança ancestral e repassa às novas gerações. Trabalhou como jardineiro na Prefeitura de Contagem, após se formar em paisagismo, e hoje é referência em práticas tradicionais de plantio e cultura popular.

Atua em oficinas, palestras e eventos culturais e acadêmicos, no Brasil e no exterior. Coordenou a produção do CD-livro *Cantando e Reinando com os Arturos* (2006), e segue comprometido com a preservação das tradições e saberes de sua comunidade.

Hoje, Bengala segue firme em sua missão de manter viva a herança deixada pelos seus ancestrais. Com humildade e dedicação, conduz os ensinamentos recebidos ao longo da vida, sem perder o vínculo com a terra, com a fé e com a coletividade. Seu compromisso é dar continuidade ao legado dos que vieram antes, mesmo reconhecendo que caminha com passos próprios, dentro das possibilidades do seu tempo. É na prática diária e no exemplo que ele reafirma o valor da tradição e da memória viva.


Ordinance

José Patrocínio

"A vida do campo é muito boa, e a pessoa tem que saber, se ele não souber o trabalho é todo em vão."
(Patrocínio, 2025)

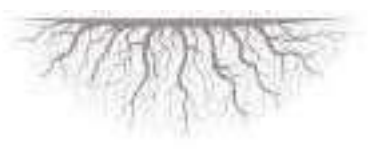
José Patrocínio, nasceu em Senhora do Porto, Minas Gerais, região próxima a Guanhães, vive há três anos nos Arturos com sua esposa Neuza, filha de Geraldo Arthur Camilo, filho mais velho de Arthur Camilo Silvério, fundador da Comunidade Quilombola dos Arturos. É pai de Michele e avô de Theo.

Homem de poucas palavras e gestos profundos, José acredita que a terra responde a quem a escuta com o coração. Em cada canto do chão que pisa, há silêncio, histórias e raízes. Seu Zé é um observador nato e aprendeu com seu pai o tempo certo do cuidado com a terra, aprendeu que existe lua certa para cada tipo de plantio.

Apesar de não saber ler, seu pai transmitiu através da oralidade um conhecimento profundo e que não se encontra em livros acadêmicos, ensinou sobre observar e respeitar o tempo da natureza. Ensinou que a chuva e a lua exercem grande força sobre a terra, é a lua e a chuva que faz as plantas irem para frente.

Atualmente cultiva mandioca e hortaliças no quintal de sua casa com o cuidado e o respeito de quem conhece os segredos da terra. Nascido para a lida do campo, já foi agricultor, roceiro e criador de galinhas. Seu saber vem da prática: roçar, arar, cortar madeira e plantar. Hoje, cultiva mais do que alimentos — cultiva memória e pertencimento.

Cultivando Raízes com o Quilombo dos Arturos





Mistura para acabar com peste na plantação

Folha de mamona + pimenta + água: pulverizar o caldo decantado. Pode-se usar óleo de cozinha na preparação, que ajuda a mistura a espalhar melhor após pulverizado.



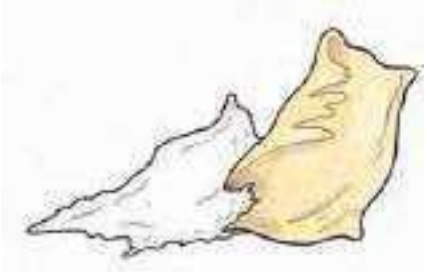




Mistura em teste para acabar com lagarta

Água quente + água fria + cinza de madeira + cal: pulverizar nas folhas.





Esterco orgânico

Folhas, cascas de frutas (exceto cítricas), casca de ovo.



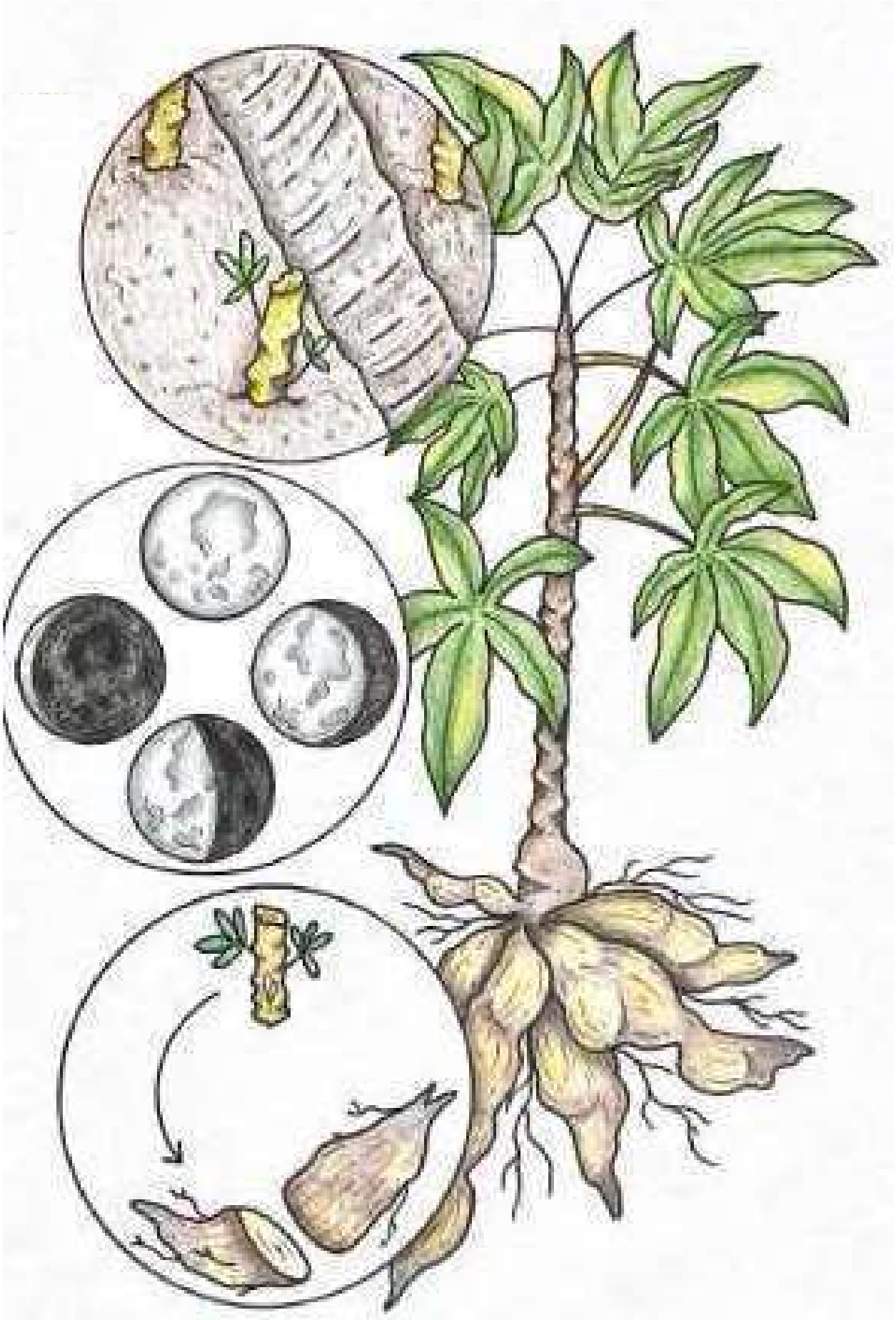
Mandioca

- Período ideal de plantio: meses de setembro/outubro/novembro.
    - Pode plantar o ano todo, desde que tenha chuva nos primeiros 30 dias após o plantio ou, em caso de seca, água disponível para regar.
- Lua:
    - crescente/cheia para carregar mais o pé.
- Não precisa preparar muito a terra, e deve plantar em terra solta, mas em qualquer tipo de terreno. Deve ser plantada em covas semelhantes às do milho, tanto em distância quanto em profundidade. Além disso, não deve encher a cova de terra após o plantio, apenas fazer uma cobertura leve na raiz.
- Distância de 40 centímetros entre 2 covas.
- Época de colheita: meses secos.
- Adubo mais indicado: esterco de curral.
- Planto mandioca: sozinha, pois dá muita rama.
- Gosta de sol direto.
- Período para colheita: entre 1 ano e 1 ano e 6 meses, sem lua específica.
- Forma de regar:
    - A mandioca é uma planta resistente, então não é preciso ficar regando.
        - A manaíba (muda) é rica em leite e a água tira essa substância importante para seu crescimento.

Figura 03 - A mandioca



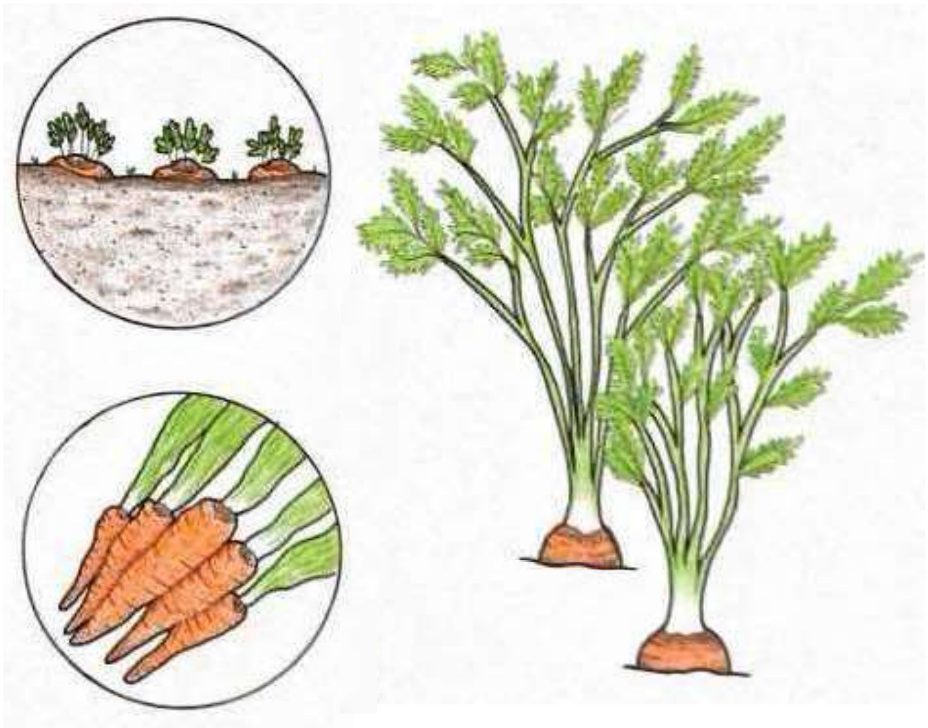
Autor: Lucas Júnio



Cenoura

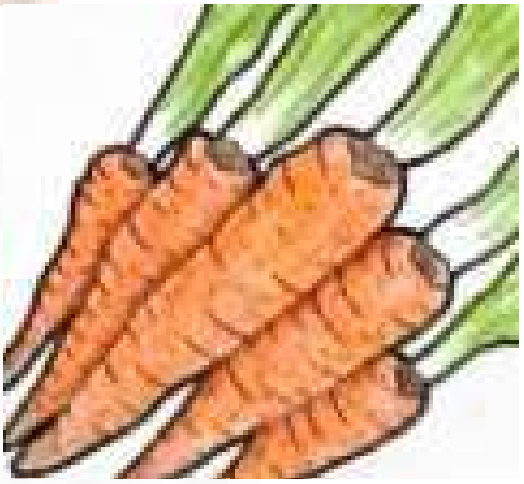
- Período ideal de plantio: meses de fevereiro até abril.
- Lua:
  - indiferente.
- Preparar o terreno, cavar bem fundo visto que é pivotante. Não é repicar!
- Fazer sementeira bem rala.
- A cova tem aproximadamente 30cm e pode ser plantada perto uma da outra.
- Dentro da cova (de baixo para cima):
  - terra → capim → terra → cenoura.
- Época de colheita: qualquer época do ano, 6 meses após o plantio.
- Adubo mais indicado: esterco de curral + areia.
- Preparação do solo: cava funda! Raízes profundas e crescimento dentro da terra.
- Planto: sozinha.
- Gosta de sol direto.
- Forma de regar:
  - 2x ao dia (início da manhã e final de tarde) nos primeiros 3 meses
  - Coincide com o período de chuva.
- Após 3 meses: regar 2x na semana Gosta de sol direto

Figura 04 - A cenoura



Autor: Lucas Júnio







Milho

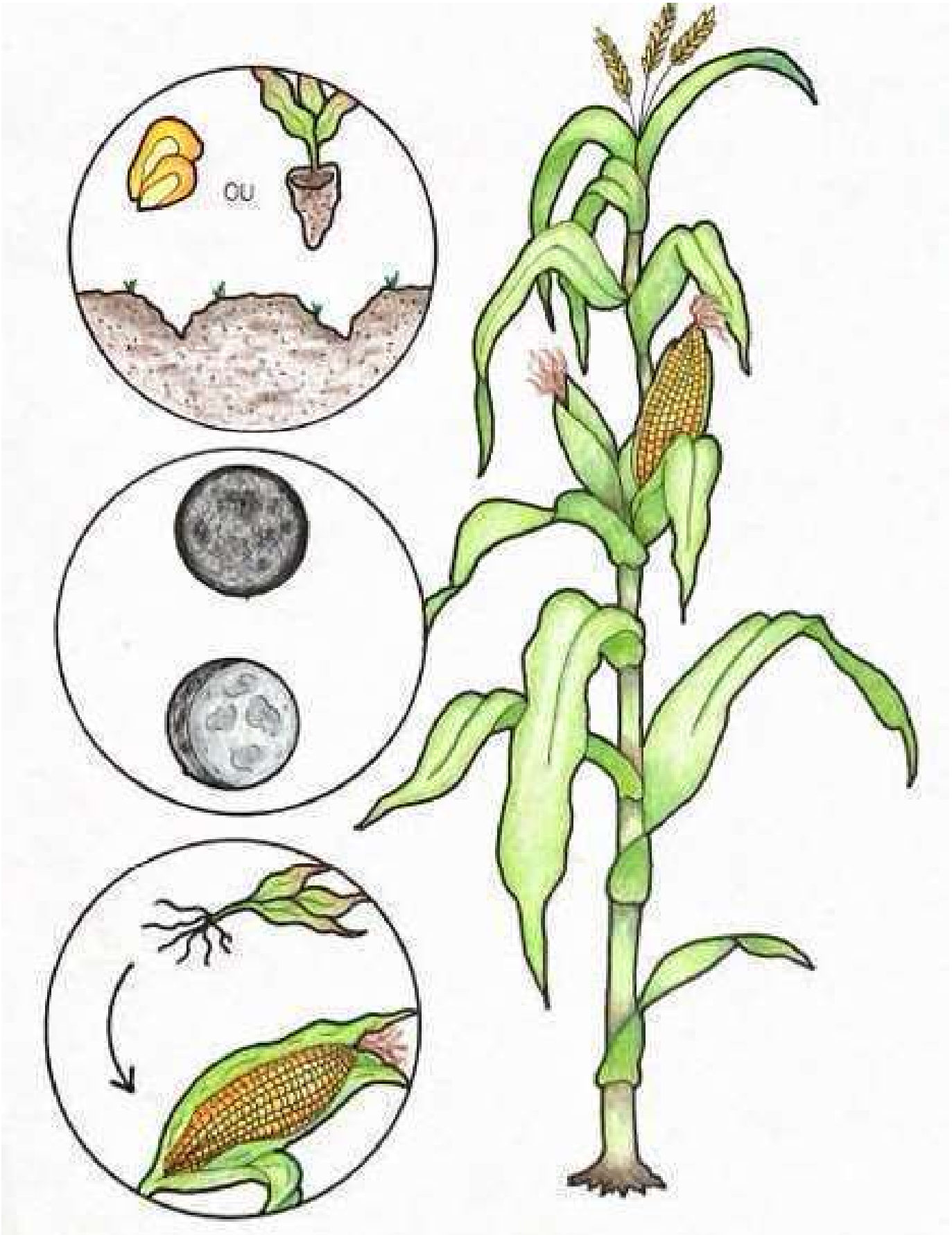
- Período ideal de plantio: meses de setembro e outubro.
    - É o período em que ocorrem as primeiras chuvas, para poder germinar com regas constantes.
- Após embonecar, precisa de sol para secar. Após amadurecer, não faz diferença ser sol ou chuva. Aguenta 45 dias sem água após nascer.
- Cova: 10 a 15 centímetros de profundidade com distância de no mínimo 60 centímetros entre uma cova e outra.
- Lua:
    - nova.
- Época de colheita
    - Lua: Minguante para conservar a colheita.
    - Meses: normalmente, a partir de abril.
    - O pendão do milho cai, já está pronto para colheita.
- Adubo mais indicado: esterco de curral.
    - Atenção!

      Não pode colocar diretamente na raiz que queima. Adubar apenas dentro da cova e jogar terra por cima. Jogar terras nos "garfos" que aparecem nos pés das plantas, durante o brotamento e crescimento do milho.
- Plantio do milho: com feijão, porque a sombra do milho protege o feijão.
- Forma de regar:
    - enquanto brota (15 a 20 dias), regar constante. Durante o amadurecimento não é necessário.
    - Não precisa regar, devido às chuvas, regar apenas se não estiver chovendo. E manter molhado até embonecar (granar).
    - Não há rega, só quando aparece a "boneca".
    - Quando o milho estiver embonecando rega com "pouca água".
- Gosta de sol direto.
- Período para colheita: depois que o pendão vira para baixo, em direção ao solo, o milho deve ser colhido em até 45 dias, não sendo necessário regar, mesmo exposto ao sol forte

Figura 05 - O milho



Autor: Lucas Júnio


OU

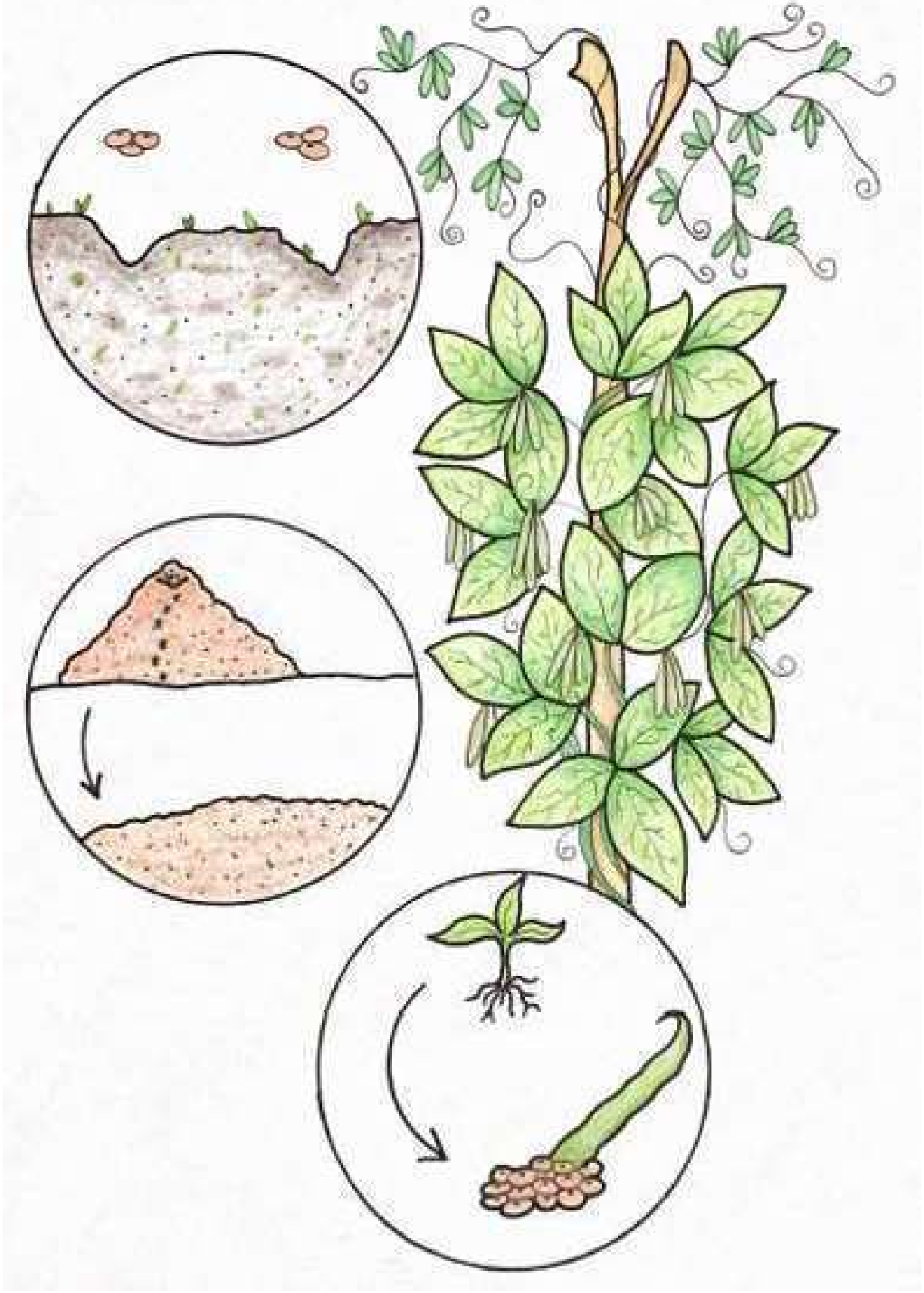
Feijão

- Período ideal de plantio: meses entre março e início de abril. 
  - Não plantar no frio!
  - Período indicado: de 19 de março a 8 de abril.
- Lua: 
  - indiferente.
- Cova: bem pequena, tamanho da ponta da pá.
- Época de colheita: 90 dias após o plantio.
- Adubo mais indicado: esterco de curral ou orgânico (folhas + cascas de frutas + cascas de ovos).
  - Atenção: não podem ser frutas cítricas.
- Planto feijão: com milho ou sozinho.
  - Feijão da água: com o milho (por conta das chuvas).
  - Feijão seco: feijão solteiro.
- Forma de regar: 
  - pouca água.
- Gosta de sol. 
  - Feijão solteiro: gosta de sol direto.
  - Demais: gosta de sombra.
- Período para colheita: 90 dias após plantio.
- Curar o feijão depois que colher para preservá-lo, uma vez que curado dura mais tempo.
- Preparar cobrindo o feijão com um pouco de terra de formigueiro para proteger.
- Motivo: terra de formigueiro não dá bicho.
- Deixar de 1 a 2 noites no sereno e já pode ensacar.

Figura 06 - O feijão



Autor: Lucas Júnio



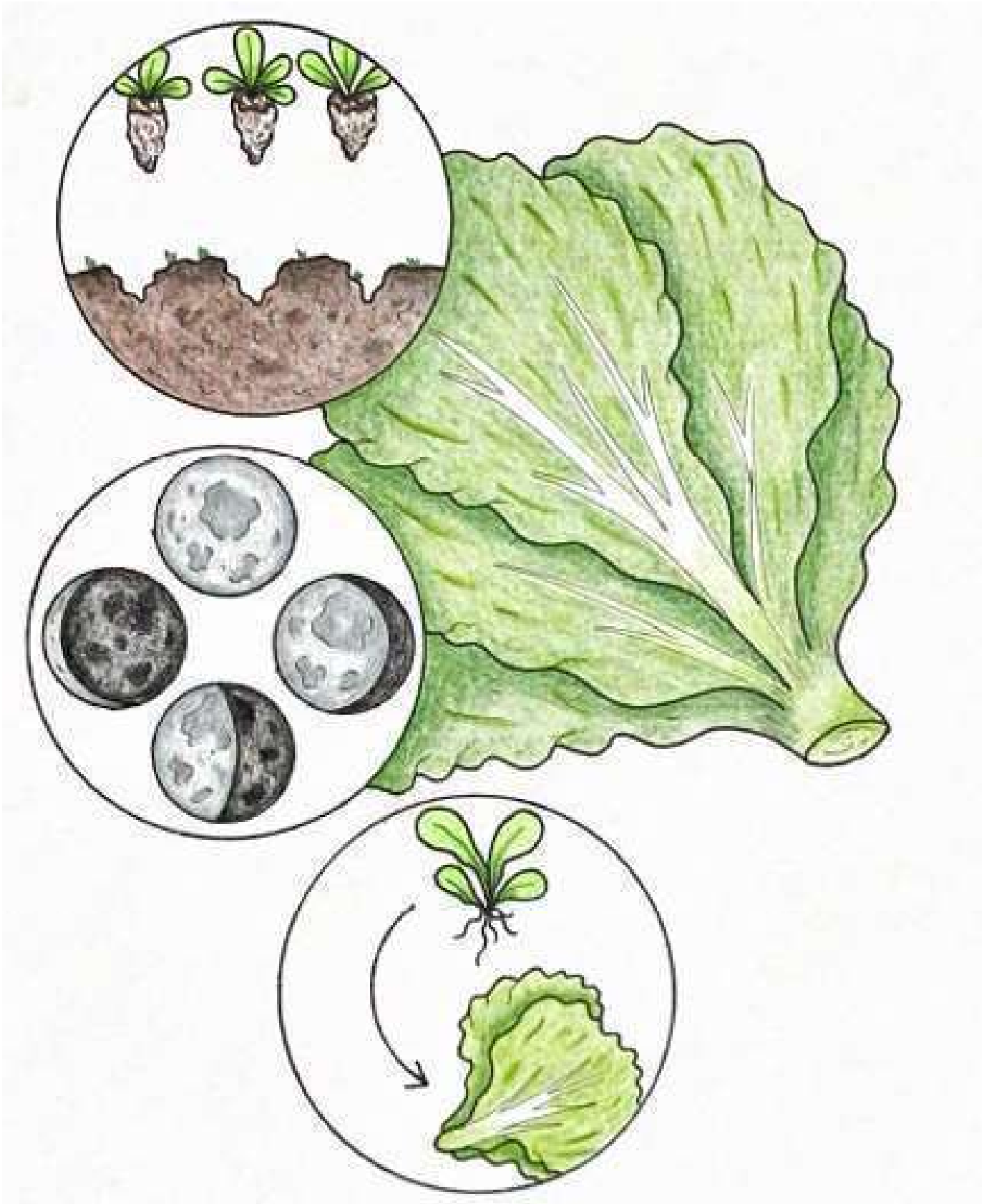
Alface

- Período ideal de plantio: 
  - plantar sempre em períodos de seca, pois muita chuva é ruim → outono e inverno.
- Lua: 
  - entre crescente e cheia.
- Covas de 30 centímetros de espaçamento entre uma muda e outra.
- Época de colheita: 45 dias após plantio da muda.
- Adubo mais indicado: esterco de curral, e "ouro verde" na folha do alface.
  - O ouro-verde é o "adubo foliar", um adubo químico que deve ser aplicado nas folhas quando elas estiverem "fracas" conforme orientações do produtor.
- Preparação do solo: terra mais arenosa e bem solta para que a raiz consiga firmar (a raiz não é profunda, é aberta).
- Poda: deixar crescer naturalmente.
- Para a sementeira no canteiro, deve-se realizar a forragem de capim e peneirar as sementes.
- Plantio do alface: sozinho.
  - Motivo: a raiz espalha.
- Forma de regar: 
  - 2x ao dia, no início da manhã e no final de tarde.
- A irrigação da manhã deve ser mais leve e superficial, apenas para tirar o sereno. Já a rega do final do dia deve ser mais importante para o sucesso da plantação.
- Gosta de sol direto 
  - não cresce na sombra.
- Período para colheita: colher o pé inteiro entre fevereiro e setembro, após 45 dias do plantio.
- Maior problema para o sucesso da plantação: lagartas, mas nem sempre acontece.
  - Quando acontecer, jogar a mistura para peste com a folha de mamona.

Figura 07 - Larva e folha de mamona



Autor: Lucas Júnio



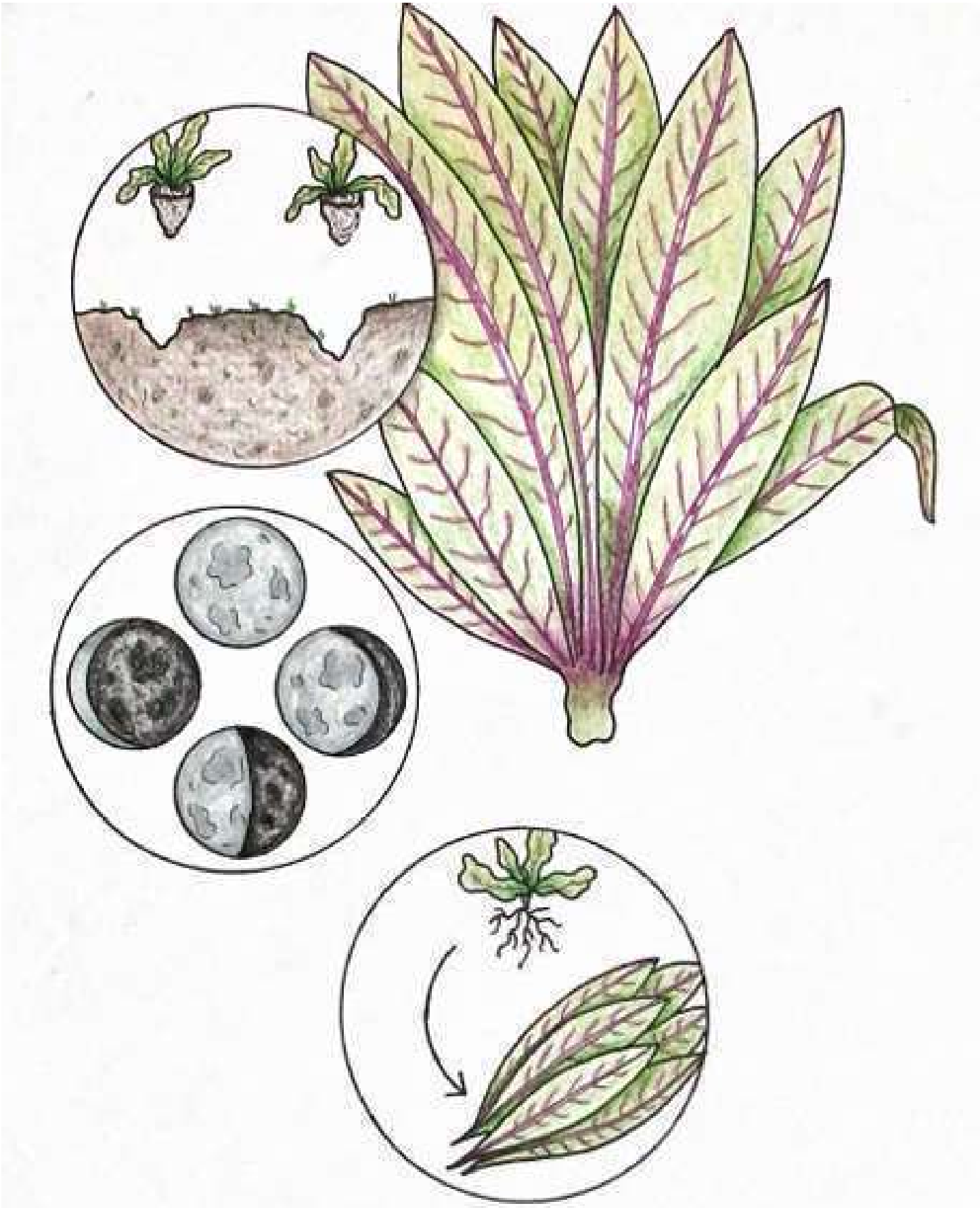
Almeirão

- Período ideal de plantio: 
  - plantar sempre em períodos de seca, pois muita chuva é ruim → outono e inverno.
- Lua: 
  - entre crescente e cheia.
- Covas de 30 centímetros de espaçamento entre uma muda e outra.
- Época de colheita: 45 dias após plantio da muda.
- Adubo mais indicado: esterco de curral, e "ouro verde" na folha do alface.
  - O ouro-verde é o "adubo foliar", um adubo químico que deve ser aplicado nas folhas quando elas estiverem "fracas" conforme orientações do produtor.
- Preparação do solo: terra mais arenosa e bem solta para que a raiz consiga firmar (a raiz não é profunda, é aberta).
- Poda: deixar crescer naturalmente.
- Para a sementeira no canteiro, deve-se realizar a forragem de capim e peneirar as sementes.
- Plantio do almeirão: sozinho.
- Motivo: a raiz espalha.
- Forma de regar: 
  - 2x ao dia, no início da manhã e no final de tarde.
  - A irrigação da manhã deve ser mais leve e superficial, apenas para tirar o sereno. Já a rega do final do dia deve ser mais importante para o sucesso da plantação.
- Gosta de sol direto. 
  - não cresce na sombra.
- Período para colheita: colher o pé inteiro entre fevereiro e setembro, após 45 dias do plantio.

Figura 08 - O almeirão



Autor: Lucas Júnio



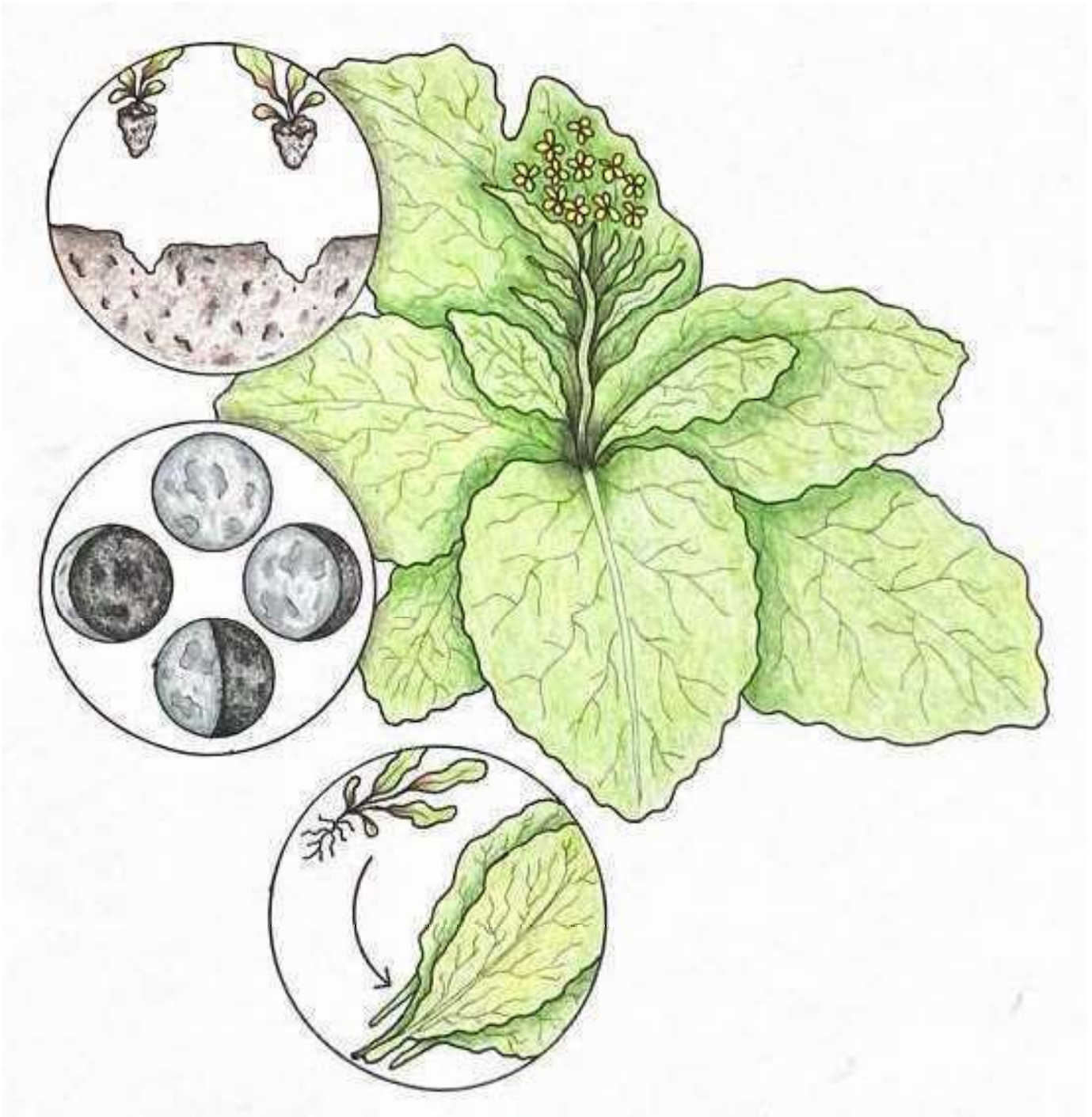
Mostarda

- Período ideal de plantio: 
  - plantar sempre em períodos de seca, pois muita chuva é ruim → outono e inverno.
- Lua: 
  - entre crescente e cheia.
- Covas de 30 centímetros de espaçamento entre uma muda e outra.
- Época de colheita: 45 dias após plantio da muda.
- Adubo mais indicado: esterco de curral, e "ouro verde" na folha do alface.
  - O ouro-verde é o "adubo foliar", um adubo químico que deve ser aplicado nas folhas quando elas estiverem "fracas" conforme orientações do produtor.
- Preparação do solo: terra mais arenosa e bem solta para que a raiz consiga firmar (a raiz não é profunda, é aberta).
- Poda: deixar crescer naturalmente.
- Para a sementeira no canteiro, deve-se realizar a forragem de capim e peneirar as sementes.
- Plantio da mostarda: sozinho.
- Motivo: a raiz espalha.
- Forma de regar: 
  - 2x ao dia, no início da manhã e no final de tarde.
  - A irrigação da manhã deve ser mais leve e superficial, apenas para tirar o sereno. Já a rega do final do dia deve ser mais importante para o sucesso da plantação.
- Gosta de sol direto 
  - não cresce na sombra.
- Período para colheita: colher o pé inteiro entre fevereiro e setembro, após 45 dias do plantio. Colher apenas as folhas entre fevereiro e setembro, após 45 dias o plantio. Após 40-45 dias colhendo, deve substituir o pé

Figura 09 - A mostarda



Autor: Lucas Júnio



Couve

- Período ideal de plantio:
    - qualquer mês do ano, desde que o terreno esteja preparado.
- Lua:
    - crescente ou cheia.
- Covas de 30-40 centímetros de distância.
- Época de colheita: após 40 dias do plantio (independente da época do ano).
- Nas épocas de chuvas (janeiro e fevereiro), a couve dá mais muda do que folhagem para consumo, reduzindo a produção. Mas mesmo assim as mudas são resistentes e o pé não é perdido.
- Poda: mensal para limpar.
    - Remover a gema lateral porque muitos brotos ("ladrão") podem tirar a força da planta.
- Adubo mais indicado: esterco de curral se a terra for boa.
- Preparar a terra, se necessário, com calcário para equilibrar o pH antes de colocar esterco de curral.
    - O **calcário** é químico, mas não causa prejuízos para a terra.
- A couve deve ser plantada em terreno arenoso.
- Para plantar, a terra tem que estar fofa. Colocar 1 muda por cova, pois a raiz é profunda.
- Tirar os brotinhos, pois se não a couve não sai. Fazer essa poda todo mês.
- Após o plantio, deve-se firmar com a terra com a mão para manter a muda o mais perpendicular ("em pé") possível e evitar tombamentos.
- Plantio da couve: junto com hortelã ou salsinha, por serem plantas menores e que gostam de sombra.
- Deve-se plantar a couve primeiro, sempre.
- **Lagartas** e borboletas são um problema para o sucesso na plantação de couve.

Figura 10 - O calcário e a lagarta



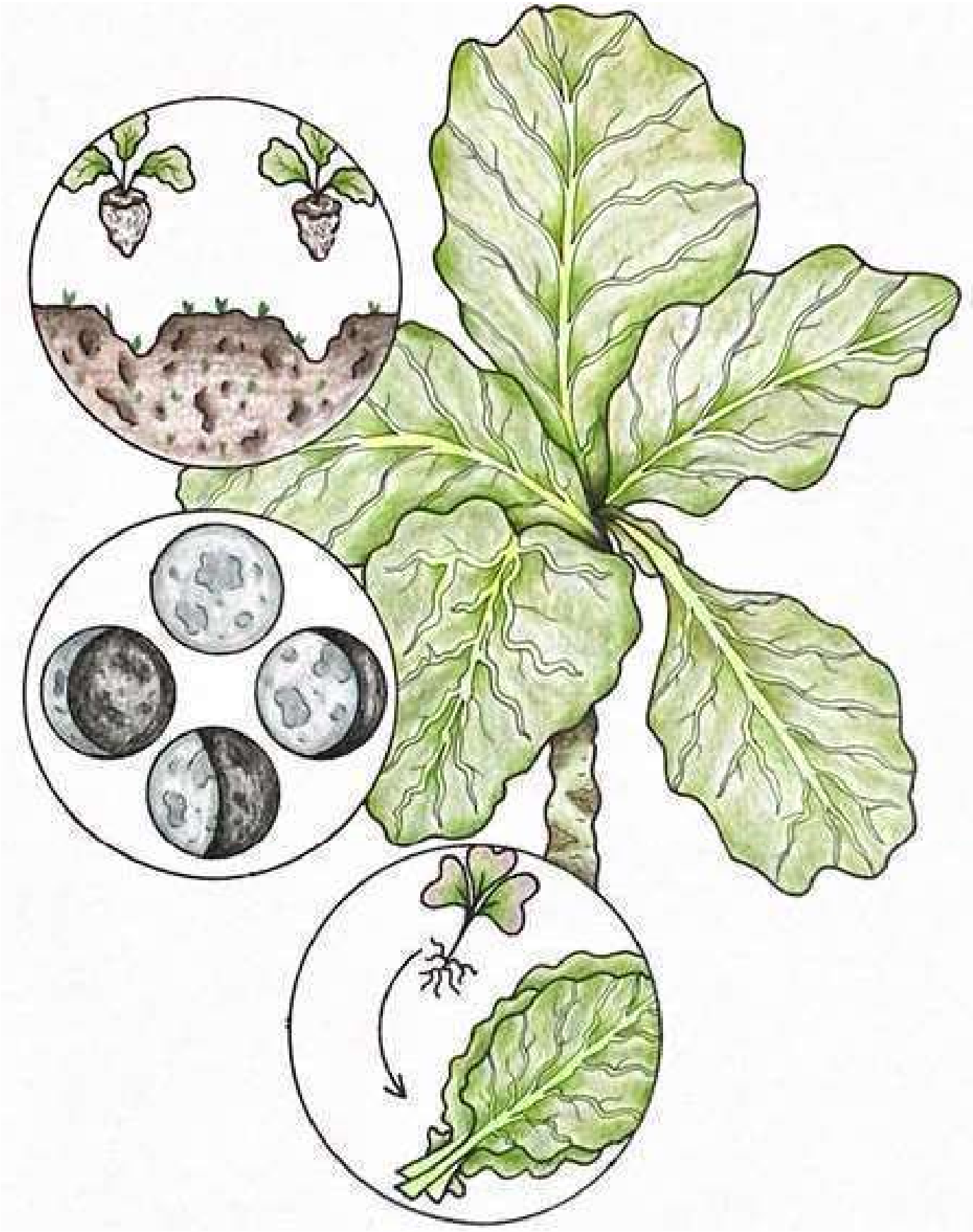
Autor: Lucas Júnio

- Forma de regar: 
    - 2x ao dia, de manhã (antes das 8h) e no final da tarde (depois das 17h), pois o sol forte em contato direto com a água pode "cozinhar" a planta.
    - Além disso, deve-se "encharcar o solo" na primeira vez após a plantação.
- Gosta de sol direto. 
- Período para colheita: colheita após 40-50 dias do plantio. As primeiras folhas são ruins.

Figura 11 - A couve



Autor: Lucas Júnio



Referências

COMUNIDADE Negra dos Arturos (org.); LUCAS, Glaura; DA LUZ, José Bonifácio (coord.). **Cantando e reinando com os Arturos**. CD-livro. Belo Horizonte: Editora Rona, 2006. 108 p.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Negras raízes mineiras: os Arturos**. Brasília: Ministério da Cultura, 1988. 531 p.

IEPHA/MG – INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS. **Comunidade dos Arturos**. Belo Horizonte: IEPHA/MG, 2014. (Cadernos do Patrimônio Imaterial).

LUCAS, Glaura. **Os sons do Rosário**: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 360 p. (Coleção Humanitas, v. 86).



APOIO

COMUNIDADE QUILOMBOLA
DOS ARTUROS
Contagem - MG

ARTUROS

Patrimônio Cultural Imaterial de Contagem e Minas Gerais

PRODUÇÃO

Pró-reitoria de Extensão | PUC Minas

